



A importância de Plutarco para a interpretação das últimas palavras de Júlio César em Shakespeare

Plutarch's Importance in Interpreting Julius Caesar's Last Words in Shakespeare

Jorge Miguel Arcanjo Pereira

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campina Grande, Paraíba / Brasil

jorge.ampereira@professor.pb.gov.br

<https://orcid.org/0009-0000-0034-1970>

Viviane Moraes de Caldas

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campina Grande, Paraíba / Brasil

viviane.moraes@professor.ufcg.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-8898-2568>

Resumo: Um dos eventos históricos da Antiguidade mais presentes no imaginário popular é o assassinato de Júlio César e isso devido à expressão “até tu, Brutus”, que é entendida comumente como a experiência de traição sentida pelo ditador romano. O que pouca gente sabe é que esse dito advém de Shakespeare ao atribuir, na peça *The Tragedy of Julius Caesar* datada de 1599, as últimas palavras ao seu herói dramático: “*Et tu, Brute?* Então, que morra César”. O objetivo aqui é mostrar, na contramão do entendimento comum da crítica literária, que Shakespeare remodela a tradição das últimas palavras de César em grego, *kai su téknon* (“Até você, meu filho!”), preservada por Suetônio e Dião Cássio, para dissociar essa ideia da traição de Brutus do *dictum* final de César, em uma tentativa de recriação do que o estadista romano poderia realmente ter sentido. Nossa via para chegar a esse fim é demonstrar que, para além de aspectos literários problematizadores de tal entendimento na peça, há uma concepção no texto shakespeariano que deve ser estudada à luz de um tópico muito caro à sua principal fonte histórica: como Plutarco, em suas *Vidas Paralelas*, evita comprometer-se com toda e qualquer informação que alimenta a ideia da ingratidão de Brutus. A conclusão evidencia a importância de Plutarco para a interpretação do *dictum* shakespeariano: primeiro, no entendimento do porquê de César diferenciar Brutus em meio aos conspiradores; e segundo, no entendimento de que sentimento o ditador poderia ter realmente sentido no último sopro da vida.

Palavras-chave: Shakespeare; Júlio César; “Et tu, Brute?”; Plutarco; Vidas Paralelas.

Abstract: One of the historical events of Antiquity most popular in the Western imagination is the murder of Julius Caesar and this is due to the expression “even you, Brutus”, which is commonly understood as the experience of betrayal felt by the Roman dictator. The saying comes from Shakespeare when he attributed, in *The Tragedy of Julius Caesar* dated of 1599, the last words to his dramatic hero: “*Et tu, Brute?* Then, fall Caesar”. The aim here is to show, contrary to the common understanding of literary criticism, that Shakespeare reshapes the tradition of Caesar’s last words in Greek, *kai su téknon* (“Even you, my son!”), preserved by Suetonius and Cassius Dio, to dissociate this idea of Brutus’ betrayal from Caesar’s final *dictum*, in an attempt to recreate what the Roman statesman could have really felt. Our way to reach this end is to demonstrate that, in addition to the literary aspects that problematize such an understanding in the play, there is a conception in the Shakespearean text that must be studied in the light of the significant topic to its main historical source: how Plutarch, in their *Parallel Lives*, avoids committing himself to the information that feeds the idea of Brutus’s ingratitude. The conclusion highlights Plutarch’s importance for the interpretation of the Shakespearean *dictum*: first, in understanding why Caesar differentiated Brutus among the conspirators; and second, in understanding which sentiment the dictator could have really felt in his last breath of life.

Keywords: Shakespeare; Julius Caesar; “Et tu, Brute?”; Plutarch; Parallel Lives.

1 Pressupostos básicos para a problematização de “Et tu, Brute?”

Quem nunca usou a expressão “até tu, Brutus?” ao se sentir traído diante de algo que alguém próximo lhe fez quando não se esperava? Tal expressão popular vem de Shakespeare, precisamente da boca de Júlio César ao perceber Marcus Brutus entre os conspiradores na tragédia homônima datada de 1599: “*Et tu, Brute?* Então, que morra César” (Shakespeare, s/d, p. 204, tradução Carlos Alberto Nunes).¹ O nosso objetivo é problematizar o entendimento que predomina entre os críticos literários sobre esse *dictum*, segundo o qual essas palavras materializam o sentimento de traição experienciado por César (Dimitrova, 2018; Heliodora, 2014;

¹ “Et tu, Brute? Then fall, Caesar” (Julius Caesar, Act 3. Scene 1. v. 77). A edição usada para referenciar os textos originais de Shakespeare é The New Oxford Shakespeare: the complete works modern critical edition por Taylor et al (2016). Todas as traduções que seguem da peça Júlio César são de Carlos Alberto Nunes na coleção Teatro Completo: as tragédias (s/d).

Rebhorn, 1990; Rosenblum, 2017; Spevack, 2004; Taylor *et al*, 2016). Sendo assim, apresentamos, inicialmente, alguns aspectos da peça shakespeariana pertinentes a nossa proposta de problematização para, em seguida, focar na influência de Plutarco, com *Vidas Paralelas*, sobre o bardo inglês no que toca o tema da ingratidão de Brutus.

Primeiramente, em *Júlio César*, Shakespeare não desenvolve em seu protagonista qualquer consciência ligada à possibilidade de Brutus ser seu filho bastardo ou ao fato de tê-lo poupado no contexto da guerra civil ou ter-lhe concedido cargos públicos, aspectos que alimentam o tema da ingratidão de Brutus desde o surgimento da tradição das últimas palavras de César preservada por Suetônio, em seu *Divus Iulius*, no início do segundo século da Era Cristã. Assim, se é bem verdade que o bardo inglês fez Marco Antônio proferir na peça em questão as seguintes palavras, “pois quando a Bruto viu o nobre César, / a ingratidão mais forte do que o braço / dos traidores, de todo o pôs por terra”,² chamando atenção para essa ideia da ingratidão de Brutus, isso absolutamente não serve para apoiar a interpretação da última expressão de César como reflexo de um sentimento de traição diante do ataque de Brutus, como defendido por alguns autores (De Araújo, 2008; Gerhenson, 1992; Fleissner, 2010), pois, afinal deve-se ver “*Júlio César* como um experimento deliberado em ponto de vista, intencionado a revelar as limitações do conhecimento humano” (Fortin, 1968, p. 342, tradução nossa).³

Segundo, nas suas tragédias em geral, como revelam McMullan (2007) e Smejkal (2012), Shakespeare tende a impingir nas dolorosas últimas falas de seus personagens uma tomada de consciência da situação trágica de suas vidas, levando-os a uma confissão/redenção/resolução do problema com o outro no derradeiro sopro da existência. Se em seu *Júlio César*, o poeta seguiu essa tendência filosófica nos momentos finais de outros personagens como Cassius, “[...] César, foste vingado, justamente

² “For when the noble Caesar saw him stab, / Ingratitude, more strong than traitors’ arms, / Quite vanquished him” (Julius Caesar, Act 3. Scene 2. vv. 172-174).

³ “[...] *Julius Caesar* as a deliberate experiment in point of view, intended to reveal the limitations of human knowledge”.

/ com a mesma espada que te deu a morte”,⁴ e também do próprio Brutus, “César, podes / acalmar-te; contente a morte aceito, / como no instante de ferir-te o peito”,⁵ é lógico, então, pensar que as últimas palavras de César não poderiam ser interpretadas como caracterizando o sentimento de traição de Brutus, uma vez que isso não pressupõe qualquer autorreflexão sobre a tragédia existencial da parte do general romano.

Terceiro, como mostram os estudos das fontes shakespearianas (Miola, 1983; Muir, 2008; Thomas, 2005), sabe-se que, das versões antigas que narram a cena do assassinato de Júlio César, escritas por Plutarco, Suetônio, Apiano, Dião Cássio e Nicolau de Damasco, o poeta certamente conhecia as versões dos três primeiros, sabendo, portanto, que os relatos de Plutarco, Suetônio e Apiano confirmam claramente que César tinha sido assassinado sem dizer qualquer palavra, ainda que Suetônio tenha concedido espaço em seu relato para uma segunda tradição da suposta última fala de César em grego nos seguintes termos, “embora haja os que propagam que, no momento em que Brutus o atacava, ele lhe teria dito: “Até você, meu filho!” (Suetônio e Plutarco, 2007, p. 120, tradução Antonio da Silveira Mendonça, [Suet. *Jul.* 82. 3]),⁶ sobre a qual o biógrafo latino, através da conjunção *etsi* (“embora”), marca toda sua desconfiança desses *quidam* (“alguns”) que legaram tal informação.

Assim, à luz desses apontamentos problematizadores da visão uníssona dos críticos sobre a última fala do César shakespeariano, a nossa hipótese toma uma direção *sui generis*: mostrar que, remodelando as palavras apócrifas de César em grego *kai su téknon* (“Até você, meu filho!”) para “*Et tu, Brute?* Então, que morra César”, Shakespeare, na verdade, tem o intento não simplesmente de reproduzir essa tradição com outras palavras, mas de fazer-lhe frente para reconstruir o que o estadista romano poderia realmente ter sentido, em contraposição ao sentimento encerrado na fala que “alguns” de seus contemporâneos, provavelmente

⁴ “Caesar, thou art revenged, / Even with the sword that killed thee” (Julius Caesar, Act 5. Scene 3. vv. 43-45).

⁵ “Caesar, now be still. / I killed not thee with half so good a will” (Julius Caesar, Act 5. Scene 5. vv. 50-51).

⁶ “[...] *etsi tradiderunt quidam Marco Bruto irruenti dixisse: “kai su teknon”*. O texto em latim e todas as traduções de Antonio da Silveira Mendonça do *divino Júlio* são da edição *Vidas de César* (Suetônio e Plutarco, 2007).

“uma corrente muito hostil a Brutus” no jogo da propaganda política do pós-assassinato (Arnaud, 1998, p. 67, tradução nossa), inventaram para ele.⁷

O corolário da escolha de Shakespeare de fazer seu César se questionar em latim “*Et tu, Brute?*” em detrimento daqueles que o fizeram afirmar em grego “*kai su téknon*” é que desfaz as várias implicações negativas inerentes ao original (Pelling, 2009), pois não apenas anula a possibilidade da interpretação literal da palavra *téknon* (“filho”), que na tradição literária vai fazer passar Brutus, cujo nascimento data de 85 a.C., por filho do caso extraconjugal entre sua mãe e César que acontece apenas em meados de 63 a.C., como esclarece Syme (1980), mas também dissipa a interpretação não literal de “filho” como um termo de afeição dirigida por alguém mais velho a um jovem, que acaba transformando o mais notório dos conspiradores, depois de César ter-lhe beneficiado de várias formas, em alguém que lhe “devia tudo” (Dubuisson, 1980, p. 885, tradução nossa).⁸

Ademais, como se não fosse suficiente rejeitar a versão grega por uma expressão latina pós-clássica (Wilson, 2009), o segundo corolário de adicionar mais uma expressão conclusiva como “Então, que morra César” é fazer o seu herói dramático, em sua derradeira autorreflexão diante de Brutus, aceitar com resignação a tragédia de sua vida (cf. Pereira e Caldas, 2024), longe de outras interpretações negativas que a fala inconclusa “*kai su téknon*” evoca, por exemplo: que ele quis profetizar ‘*You too, son, will die*’ (“você também, filho, morrerá”, Ziogas, 2017, p. 134, tradução nossa), amaldiçoar ‘*to hell with you too, lad*’ (“para o inferno com você também, rapaz”, Russell, 1980, p. 128, tradução nossa) ou ameaçar ‘*toi aussi, mon fils, tu mangeras ta part de notre pouvoir*’ (“tu também, meu filho, provará um dia desse meu poder”, Arnaud, 1998, p. 61, tradução nossa).

Feitos esses apontamentos, as questões que nos guiam devem, então, ser postas: se a expressão “*Et tu, Brute?*” evoca, do ponto de vista de César, uma maneira especial de perceber Brutus em meio aos

⁷ “[...] les derniers mots prêtés à César étaient indubitablement le fruit d’un courant très hostile à Brutus”.

⁸ “La douloureuse surprise de César, quand il se vit attaqué par celui qui lui devait tout et qu’il considérait comme son fils [...]”.

outros conspiradores, e concedemos em abandonar a compreensão que permanece invariável entre os críticos de *Júlio César*, isto é, que essa especialidade da percepção de César se deve a algum nível de consciência de sua paternidade ou benfeitoria em relação a Brutus, como explicaríamos de outra forma esse olhar diferenciado? O que Brutus representa na consciência de César que seja forte o suficiente para Shakespeare tê-lo escolhido como o fator que faz desmoronar em César seus mecanismos de defesa para conseguir ver e aceitar sua tragédia no último sopro da vida? Como entender as percepções que o César de Shakespeare carrega na consciência sobre Brutus, se o único contato relevante entre os dois na peça é na hora do assassinato e o único pensamento que aquele expressa sobre esse é exatamente suas palavras finais?

O nosso *modus operandi* para dar uma resposta a esse problema parte da observação das informações que Plutarco, principalmente em suas *Vidas de Brutus, César e Antônio*, as principais fontes para o *Júlio César* de Shakespeare (Pelling, 2009, 2011), catalogou dos ditos que César concebeu a respeito de Brutus. Ora, a nossa conjectura é que todo esse material plutarquiano, delineando o ponto de vista de César em relação a Brutus, justifica em termos históricos e psicológicos essa percepção diferenciada/resignada no último *dictum* do César shakespeariano, “*Et tu, Brute?* Então, que morra César”, pois esses dados originados das *Bioi Paralleloi* evidenciam, sobretudo, a nobreza de Brutus, *e.g.* sua liberdade de pensamento, sua incorruptibilidade, etc. Em outras palavras, trata-se aqui do nobre romano que “é retratado com um entusiasmo menos qualificado do que quase qualquer outro herói de Plutarco”, para usar o comentário de Christopher Pelling (Plutarch, 2010, local. 206, tradução nossa),⁹ e que os vários personagens shakespearianos na peça supracitada, entre conspiradores e até inimigos, explicitamente vão reconhecer como tal: a exemplo de Casca, “Oh! Lugar muito grande ele tem sempre / no coração do povo. Tudo quanto / de nossa parte parecera ofensa, / sua reputação, com alquimia poderosa, em virtude

⁹ “Brutus himself is treated with an enthusiasm that is less qualified than with almost any other of Plutarch’s heroes”.

transmudara / em mérito elevado”,¹⁰ e de Antônio, “Foi o mais nobre dos romanos. Todos / os mais conspiradores, tirante ele, / o feito realizaram por inveja / de César. Bruto, apenas, foi levado / por uma idéia honesta e o bem de todos / a ligar-se aos demais”.¹¹

Nas próximas seções, começaremos por demonstrar como Plutarco em suas *Vidas Paralelas* (mais especificamente em seu *Brutus* e *César*) evita comprometer-se com toda e qualquer informação que propaga a ideia da ingratidão de Brutus, a exemplo da fala apócrifa de César em grego “*Kai su, téknon*” (“Até você, meu filho!”), o que acabará sendo interpretado como mais um aspecto histórico importante na problematização do entendimento comum da última expressão do César shakespeariano; em seguida, reuniremos algumas das passagens plutarquianas referentes aos ditos e opiniões de César em relação a Brutus, a fim de entendermos um pouco mais de como aquele percebe esse pela sua nobreza e como a sua última expressão tal qual remodelada por Shakespeare pressupõe isso; e, em nossas considerações finais, tentaremos fazer uma síntese dos argumentos literários e históricos que temos para problematizar a compreensão corrente do “*Et tu, Brute?*” e inaugurar uma leitura alternativa.

2 As versões antigas do assassinato de Júlio César e a rejeição da ideia de ingratidão de Brutus em Plutarco

Entre os biógrafos e os historiadores antigos que narram o assassinato de Júlio César, pode-se observar que é de Plutarco que emerge a melhor imagem possível de Marcus Brutus. A título de comparação, abaixo transcrevemos as diferentes versões sobre o mesmo fato histórico presentes em: Nicolau de Damasco, em sua *Bios Kaisaros*; Plutarco e Suetônio, em suas *Vidas de César*; Apiano em *As Guerras Civis*; e Dião Cássio em *História Romana*:

¹⁰ “O, he sits high in all the people’s hearts, / And that which would appear offence in us / His countenance, like richest alchemy, / Will change to virtue and to worthiness” (Julius Caesar, Act 1. Scene 3. vv. 156-159).

¹¹ “This was the noblest Roman of them all. / All the conspirators save only he / Did that they did in envy of great Caesar. / He only in a general honest thought / And common good to all made one of them” (Julius Caesar, Act 5. Scene 5. vv. 67-71).

[...] os homens começaram com o plano e de repente, mostrando suas adagas, avançaram sobre ele. Na confusão, Servílio Casca o atingiu primeiro com a espada desembainhada no ombro esquerdo, depois de tentar acertá-lo na clavícula. César levantou-se para se defender de Casca que, em meio a todo o alvoroço, gritou em grego pelo irmão, que por sua vez respondeu enfiando a espada nas costelas de César. Pouco antes disso, Cássio desferiu-lhe um golpe oblíquo no rosto e Décimo Bruto o esfaqueou repetidamente nos flancos. Cássio Longino quis desferir-lhe mais um golpe, mas errou e atingiu Marco Bruto na mão, e Minúcio, ao atacar César, acertou Rúbrio na coxa. Pareciam homens lutando por César. Ele caiu com muitos ferimentos diante da estátua de Pompeu. Não houve ninguém que não golpeasse seu cadáver caído no chão, de modo que cada indivíduo parecia ter participado do feito, até que César morreu com trinta e cinco ferimentos (Toher, 2017, p. 119, tradução nossa, [Nic. Dam. 88-90]).¹²

[...] Casca foi o primeiro que com um punhal desferiu em sua nuca um golpe, não mortal nem profundo, mas perturbou-se, como era natural no início de um empreendimento de grande ousadia, de sorte que César se voltou, apoderou-se do punhal e segurou-o firmemente. Quase ao mesmo tempo, os dois gritaram, o ferido em latim: “Amaldiçoado Casca, que fazes?”, e aquele que o feriu se dirigiu em grego ao irmão: “irmão, ajuda-me”. Assim foi o começo; o espanto e o abalo diante daquilo que se passava dominavam os que de nada sabiam, e eles então nem ousavam

¹² “[...] the men set about their work and suddenly baring their daggers rushed at him. (89) Servilius Casca struck him first with his drawn sword in the left shoulder a little above the collarbone, striving to hit it but unable to do so in the confusion. Caesar rose up to defend himself against Casca, and in all the uproar Casca called out in Greek for his brother, who in response drove his sword into Caesar’s ribs. Just before that, Cassius struck him an oblique blow to the face and Decimus Brutus stabbed him repeatedly in his flanks. Cassius Longinus was eager to give him yet another blow but missed and struck Marcus Brutus in the hand, and Minucius in striking at Caesar hit Rubrius in the thigh. They seemed to be like men fighting over Caesar. (90) He fell with a multitude of wounds before the statue of Pompeius. There was no one who did not strike his corpse as it lay on the ground, so that each individual would seem to have had a hand in the deed, until Caesar expired with thirty-five wounds”. Todas as traduções que seguem de Toher (2017) são de nossa responsabilidade.

fugir nem defender César, nem mesmo emitir um som. E, quando cada um dos que estavam preparados para o assassinato mostrou a espada nua, César, cercado de todos os lados, e, para qualquer ponto que voltasse o olhar, deparando com golpes de armas de ferro dirigidos ao seu rosto e aos olhos, debatia-se trespassado de lado a lado, como uma fera entre as mãos de todos, pois todos deviam participar do sacrifício e desfrutar do assassinato. Por isso, também Bruto lhe aplicou um golpe na virilha. Alguns dizem que então, embora ele lutasse contra os outros deslocando-se daqui e dali e gritando, quando viu Bruto tirar seu punhal, puxou a toga sobre a cabeça e deixou-se cair, ou por acaso ou por ter sido empurrado por seus assassinos, perto do pedestal no qual se achava a estátua de Pompeu (Suetônio e Plutarco, 2007, p. 257, tradução Ísis Borges da Fonseca, [Plut. *Caes.* 66. 7-12]).¹³

Estando César sentado, os conspiradores, a pretexto de lhe render homenagem, cercaram-no; imediatamente Tílio Címbere, encarregado da primeira ação, como que dando a entender que ia fazer-lhe um pedido, aproximou-se bastante; diante da recusa de César que, com gesto, o remetia para uma outra ocasião, ele agarrou-lhe a toga de um e outro lado do ombro; no momento em que ele lhe gritava: “Mas isso é uma violência!”, um dos dois

¹³ [...] πρῶτος δὲ Κάσκαξ ξίφει παίει παρὰ τὸν αὐχένα πληγὴν οὐ θανατηφόρον οὐδὲ βαθεῖαν, ἀλλ’ ὡς εἰκὸς ἐν ἀρχῇ τολμήματος μεγάλου ταραχθεὶς, ὥστε καὶ τὸν Καίσαρα μεταστραφέντα τοῦ ἐγχειριδίου λαβέσθαι καὶ κατασχεῖν. 8. ἅμα δὲ πῶς ἐξεφώνησαν ὁ μὲν πληγεὶς Ῥωμαῖστί “μιαρώτατε Κάσκα, τί ποιεῖς;” ὁ δὲ πλήξας Ἑλληνιστὶ πρὸς τὸν ἀδελφόν “ἀδελφέ, βοήθει.” 9. τοιαύτης δὲ τῆς ἀρχῆς γενομένης τοὺς μὲν οὐδὲν συνειδότας ἐκπληξίς εἶχε καὶ φρίκη πρὸς τὰ δρώμενα, μήτε φεύγειν μήτε ἀμύνειν, Ἀλλὰ μηδὲ φωνὴν ἐκβάλλειν τολμῶντας. 10. τῶν δὲ παρесеυσασμένων ἐπὶ τὸν φόνον ἐκάστου γυμνὸν ἀποδείξαντος τὸ ξίφος, ἐν κύκλῳ περιεχόμενος καὶ πρὸς ὃ τι τρέψειε τὴν ὄψιν πληγαῖς ἀπαντῶν καὶ σιδήρῳ φερομένῳ καὶ κατὰ προσώπου καὶ κατ’ ὀφθαλμῶν διελαυνόμενος ὥσπερ θηρίον ἐνείλειτο ταῖς πάντων χερσίν 11. ἅπαντας γὰρ ἔδει κατάρξασθαι καὶ γεύσασθαι τοῦ φόνου. διὸ καὶ Βροῦτος αὐτῷ πληγὴν ἐνέβαλε μίαν εἰς τὸν βουβῶνα. 12. λέγεται δ’ ὑπὸ τινων, ὡς ἄρα πρὸς τοὺς ἄλλους ἀπομαχόμενος καὶ διαφέρων δεῦρο κάκει τὸ σῶμα καὶ κεκραγώς, ὅτε Βροῦτον εἶδεν ἐσπασμένον τὸ ξίφος, ἐφεικύσατο κατὰ τῆς κεφαλῆς τὸ ἱμάτιον καὶ παρήκεν ἑαυτόν, εἴτε ἀπὸ τύχης εἴθ’ ὑπὸ τῶν κτεινόντων ἀπωσθεὶς, πρὸς τὴν βάσιν ἐφ’ ἧς ὁ Πομπηίου βέβηκεν ἀνδριάς. O texto em grego e todas as traduções de Ísis Borges de Fonseca do *César* de Plutarco são da edição *Vidas de César* (Suetônio e Plutarco, 2007).

Casca o golpeia pelas costas, um pouco abaixo da garganta. César segura o braço de Casca e o atravessa com um ponteiro, mas quando tentou dar um salto para frente, foi neutralizado por segunda punhalada. E quando ele se dá conta de que é atacado de todos os lados com punhais em riste, cobre com a toga a cabeça e com a mão esquerda deixa cair até os pés a dobra superior dela, para que, tendo seu corpo coberto também na parte de baixo, sua queda ocorresse com bastante dignidade. Assim foi ele ferido com vinte e três punhadas, tendo dado um único gemido na primeira estocada, mas sem dizer palavra, embora haja os que propagam que, no momento em que Bruto o atacava, ele lhe teria dito: “Até você, meu filho!” (Suet. *Jul.* 82. 1-3).¹⁴

[...] Primeiro Casca, que estava em pé bem atrás da cabeça de César, esfaqueou com sua adaga em sua garganta, mas errou e o feriu no peito. César arrancou sua toga de Cimber, agarrou a mão de Casca e, saltando da cadeira, virou-se e o empurrou com grande violência. Enquanto ele estava nessa posição, outra pessoa cravou uma adaga na lateral de seu abdômen, que ficou estendido quando ele se virou. Cassius o atingiu no rosto, Brutus na coxa e Bucolianus nas costas. Como resultado, por um tempo César continuou se virando para cada um deles rugindo furiosamente como um animal selvagem, mas depois do golpe de Brutus, seja <...> ou agora em desespero, ele se envolveu em sua toga e caiu com dignidade ao lado da estátua de Pompeu (Appian, 2020, p. 467, tradução nossa, [App. *BC.* 2. 117. 492-493]).¹⁵

¹⁴ “Assidentem conspirati specie officii circumsteterunt, ilicoque Cimber Tillius, qui primas partes susceperat, quasi aliquid rogaturus propius accessit renuentique et gestu in aliud tempus differenti ab utroque umero togam adprehendit; deinde clamantem: “Ista quidem vis est!” alter e Cascis aversum vulnerat paulum infra iugulum. 2. Caesar Cascae brachium arreptum graphio traiecit conatusque prosilire alio vulnere tardatus est; utque animadvertit undique se strictis pugionibus peti, toga caput obvolvitur, simul sinistra manu sinum ad ima crura deduxit, quo honestius caderet etiam inferiore corporis parte velata. 3. Atque ita tribus et viginti plagis confossus est, uno modo ad primum ictum gemitu sine voce edito, etsi tradiderunt quidam Marco Bruto irruenti dixisse: ‘kai su teknon’”.

¹⁵ “[...] First Casca, who was standing directly behind Caesar’s head, stabbed with his dagger at his throat, but missed and wounded him in the chest. Caesar snatched his toga from Cimber, seized Casca’s hand, and leaping up from his chair, turned around, and

[...] Logo em seguida, eles o atacaram de muitos lados de uma só vez e o feriram até a morte, de modo que por causa do número de conspiradores César foi incapaz de dizer ou fazer qualquer coisa, senão velar seu rosto e cair morto com muitas feridas. Este é o relato mais verdadeiro, embora alguns tenham acrescentado que para Brutus, quando esse lhe golpeou, ele disse: “Tu, também, meu filho?” (Dio, 1916, p. 339, tradução nossa, [Cass. Dio. 44. 19. 4-5]).¹⁶

A leitura dessas versões do assassinato, mais a versão plutarquiana narrada na *Vida de Brutus*, que se assemelha bastante com a versão reproduzida em *César*, não deixa dúvidas sobre o fato de que a tradição histórica chancelada por todos os testemunhos antigos é a de que César realmente não proferiu qualquer palavra ao ser atacado pelos conspiradores. Depois desse fato principal, deve-se notar que, com exceção do relato de Nicolau de Damasco que não destaca nem as palavras finais de César destinadas a Marcus Brutus nem a informação de que aquele cobre-se com seu manto ao ver este, como comenta Toher (2017), o ponto em comum nos relatos de Suetônio, Dião Cássio, Plutarco e Apiano é justamente destacar de uma forma ou de outra o efeito sensível experienciado por César ao perceber Brutus entre os conspiradores. Além disso, é importante observar que talvez esse efeito sensível de César se render apenas diante de Brutus esteja ligado a outro aspecto importante que aproxima os relatos de Suetônio, Plutarco e Dião Cássio, a saber, que os três autores parecem fazer uso de uma segunda fonte/tradição referida na forma indefinida: *quidam*, *τινων* e *τινές*, respectivamente,

dragged Casca along with great violence. While he was in this position someone else drove a dagger into his side, which was stretched tight in the act of turning. Cassius struck him in the face, Brutus stabbed him in the thigh, and Bucolianus in the back. As a result, for a time Caesar kept turning to each of them roaring angrily like a wild animal, but after Brutus' blow, whether [...] or now in despair, he wrapped himself in his toga, and fell with dignity beside the statue of Pompey”. Brian Mcging, editor e tradutor de Appian (2020), lembra que há uma pequena lacuna [...] nesse trecho. Todas as traduções para o português de Appian (2020) são de nossa responsabilidade. ¹⁶ “[...] Thereupon they attacked him from many sides at once and wounded him to death, so that by reason of their numbers Caesar was unable to say or do anything, but veiling his face, was slain with many wounds. This is the truest account, though some have added that to Brutus, when he struck him a powerful blow, he said: “Thou, too, my son?” Todas as traduções de Dio Cassius (1916) são de nossa responsabilidade.

nos originais (“alguns”). A diferença é que Suetônio e Dião Cássio, por um lado, separam bem a tradição segundo a qual César cai diante da impossibilidade de fazer qualquer coisa e só depois enxertam sua fala apócrifa diante de Brutus, não deixando de destacar suas ressalvas sobre essa segunda tradição. Aliás, em Suetônio, a informação de César cobrir a cabeça com sua toga parece ter sido extraída da fonte principal e não está vinculada à informação de sua percepção de Brutus. Plutarco e Apiano, por outro lado, além de não transmitirem a última fala em grego, só fazem César ajeitar sua toga e cair diante de Brutus, misturando as duas tradições. Inclusive, há de notar que essa mistura das duas tradições vem sem a devida qualificação do λέγεται δ’ ὑπό τινων (“alguns dizem”) na *Vida de Brutus*:

[...] a essa altura, César se viu sendo atacado por todos os lados e, ao olhar ao redor para ver se conseguiria abrir caminho entre os que lhe atacavam, viu Brutus aproximando-se dele com sua adaga em punho. Nisso soltou a mão de Casca que havia agarrado, cobriu a cabeça com a toga e entregou o corpo aos golpes dos assassinos [...] (Plutarch, 2010, local. 221, tradução nossa, [Plut. *Brut.* 17]).¹⁷

O que, então, podemos concluir dessas informações? Devemos pressupor com Moles (2017) que essa ausência do “*kai su téknon*” nas versões de Plutarco/Apiano ou presença nas versões de Suetônio/Dião Cássio é produto de uma fonte paralela diferente? Como devemos abordar essa aparente contradição do ilustre historiador que, ao mesmo tempo que diz que Plutarco “não conseguiu destruir sistematicamente a fonte que está por trás do *kai su téknon*” (Moles, 2017, p. 20, tradução nossa), afirma posteriormente, no mesmo texto, que ele não a registrou porque “não sabia da expressão” (Moles, 2017, p. 182, tradução nossa)?¹⁸

¹⁷ “[...] By this time Caesar found himself being attacked from every side, and as he glanced around to see if he could force a way through his attackers, he saw Brutus closing in upon him with his dagger drawn. At this he let go of Casca’s hand which he had seized, muffled up his head in his robe and yielded up his body to his murderers’ blows [...]”. Todas as traduções que seguem do *Brutus* de Plutarch (2010) são de nossa responsabilidade.

¹⁸ “[...] he has failed to ‘gut’ systematically the source lying behind the *kai só, τέκνον* story retailed by Suetonius and Dio [...]]. The *Caesar/Brutus*/Appian account must be

A nossa resposta nesse grande desafio pela busca das fontes originais é que a citação indefinida do “alguns” amarra Plutarco, Suetônio e Dião Cassius a uma fonte em comum. O que Moles (2017) não considera em seu estudo, que é o mais detalhado e técnico no tocante à comparação entre esses relatos do assassinato de César, é a possibilidade que aqui Plutarco tenha dissolvido a tradição hostil a Brutus, a das palavras apócrifas de César “*kai su téknon*”, em seus dois relatos, para evitar comprometer o nobre tiranicida à ideia propagada de sua ingratidão. Plutarco, pois, adaptando seu material-fonte, busca transformar a informação originada para diminuir a reputação de Brutus naquilo que pode antes realçá-la, principalmente em vista de temas caros desenvolvidos em sua *Vida de Brutus*, a exemplo da elevada opinião que César faz dele. Que o biógrafo grego fez bastante uso do método de adaptar seu material-fonte, Pelling (2002) revela-o detalhadamente e, obviamente, Moles (2017, p. 20) também não o ignorava: “Plutarco desenvolve alguns pontos de seu material de uma forma original e idiossincrática”.¹⁹

Aliás, a título de curiosidade, Moles (2017) observa bem que Plutarco, em seus dois relatos, é o único entre as cinco autoridades antigas que legou a informação de que César teria gritado em latim ao receber o primeiro golpe: “Amaldiçoado Casca, que fazes?”. A conclusão do eminente estudioso foi: “Poderia ser argumentado que Plutarco simplesmente inventou essa informação” (Moles, 2017, p. 181).²⁰ Em cima dessa observação, fazemos uma pergunta: não teria Plutarco dado vazão à fala em grego de César “*kai su téknon*” com essa fala direcionada

related to the famous *kai só, téknon* tradition, recorded but rejected by Suetonius and Dio. Why does Plutarch, although recording a version which does stress Brutus’ decisive role, not have the even more colourful tradition? He could have recorded it, had he known of it, without committing himself to its historicity, and the story would have been highly germane to several important themes of the Life (the personal closeness of Brutus and Caesar, Brutus’ great expectations under Caesar’s rule, Brutus’ triumph over purely personal considerations etc.). The explanation must surely be that he did not know of it”. Todas as traduções que seguem de Moles (2017) são de nossa responsabilidade.

¹⁹ “Plutarch develops some of his material in an original and idiosyncratic way”.

²⁰ “Since Suetonius pointedly states that Caesar did not utter a sound after his groan at the first blow (a tradition also reflected in Dio), and since Nicolaus, who does have Casca’s remark in Greek, does not record a cry by Caesar in Latin, it could be argued that Plutarch has simply made this remark up”.

para outro conspirador sem quaisquer implicações para o nobre tiranicida? De resto, devemos apenas apontar que a semelhança do relato de Apiano com os relatos de Plutarco no que concerne ao ponto de César se envolver com seu manto diante de Brutus pode ser explicada por um fator complicador para o *Quellenforscher* (“pesquisador da fonte”), que Moles (2017) e outros especialistas como Pelling (2002, 2004) têm plena consciência, mas que talvez tenha lhes faltado inspiração para considerá-lo nessa matéria: a possibilidade que Apiano esteja realmente em algumas ocasiões usando o próprio Plutarco como fonte primária.

Assim, uma vez demonstrado como o elemento originário para o tema da ingratidão de Brutus, isto é, as palavras apócrifas “*kai su téknon*”, é adaptado por Plutarco de forma não apenas a conter as implicações negativas para a imagem histórica de Brutus, mas antes a engrandecer sua reputação, resta tão e somente chamar atenção para como o biógrafo grego é parcimonioso em seu tratamento com o resto da matéria que alimenta esse tema da ingratidão: a paternidade inventada e as benfeitorias de César em relação a Brutus. Nessa direção, é suficiente, para resumir esses pontos, primeiro, citar Christopher Pelling, a principal referência para a *Vida de César*, que exclama em seu comentário: “o mais surpreendente é que Plutarco não menciona o notório caso de Servília com o próprio César,” (Pelling, 2011, p. 460, tradução nossa);²¹ segundo, referenciar John Moles, no principal estudo sobre *Plutarch's Brutus* (“o Brutus de Plutarco”), comentando o registro evasivo do biógrafo grego sobre a suposta paternidade — no capítulo 5 — da seguinte maneira: “Ele certamente não atribui nenhum significado à tradição de que Brutus era filho de César” (Moles, 2017, p. 93);²² e, por último, mostrar que é apenas no texto da *Comparação de Dión com Brutus* que Plutarch (2010) toca na questão moral que levou Dante, na *Divina Comédia*, a colocar Brutus na Judeca, ciclo do inferno onde se encontram aqueles que traíram seus

²¹ “Most strikingly, Plutarch does not mention Servilia’s notorious affair with Caesar himself [...]”. Todas as traduções que seguem de Pelling (2011) são de nossa responsabilidade.

²² “If Plutarch is sceptical of the romantic tradition linking Caesar, Servilia, and Brutus, why does he record it? Simply because it creates a general impression of closeness between Brutus and Caesar. He certainly attaches no significance to the tradition that Brutus was Caesar’s son, [...]”.

benfeitores. O comentário é transcrito em sua inteireza porque revela bem a postura contrária de Plutarco em relação ao tema da ingratidão de Brutus:

A maior acusação que fazem contra Bruto é que ele foi salvo pela generosidade de César, teve permissão para salvar quantos de seus companheiros de prisão quisesse, foi considerado seu amigo e favorecido acima de muitos outros, e então se tornou o assassino do seu salvador. Não existe tal crítica que se possa fazer a Díon. Pelo contrário, enquanto manteve boas relações de amizade com Dionísio, ele guiou as coisas com firmeza e ajudou-o a preservar o Estado, e foi apenas depois, de ter sido forçado a sair do seu país, ter sido injustiçado como marido e ter perdido seus bens, que ele iniciou abertamente uma guerra que era legítima e justa. Ou este é o primeiro ponto que indica o contrário? O elemento mais louvável nos dois homens, a sua hostilidade à tirania e o seu ódio ao mal, é descomprometido e imaculado no caso de Brutus, pois ele não tinha queixas pessoais de César e enfrentou o perigo em prol da liberdade de todos. Díon, porém, não teria lutado se não tivesse sofrido pessoalmente: isso fica claro nas cartas de Platão, que mostram que foi a sua expulsão pelo tirano, e não qualquer rejeição do tirano, que o levou a destruir Dionísio. E foi o bem comum que levou Bruto a tornar-se amigo do seu inimigo Pompeu e, em vez disso, inimigo de César: o seu único critério de hostilidade e amizade era a justiça [...]. No caso de Brutus, até da boca de seus inimigos se escutou dizer que ele era o único, entre os que atacaram César, que manteve um objetivo do começo ao fim, a restauração da República Romana. (Plut. *Comp. Díon-Brut.* 3 [56]).²³

²³ “The biggest charge they lay against Brutus is that he had been saved by Caesar’s generosity, had also been allowed to save as many of his fellow-prisoners as he wanted, was thought to be his friend and favoured above many others, then became the murderer of his saviour. There is no such criticism that one could make of Dion: on the contrary, as long as he was on good terms of friendship with Dionysius he guided matters firmly and helped him to preserve the state, and it was only once he had been forced out of his country, had been wronged as a husband and had lost his possessions that he openly took up a war that was legitimate and just. Or is this the first point that tells the other way? The most praiseworthy element in the two men, their hostility to tyranny and their hatred of evil, is uncompromised and untainted in the case of Brutus, for he had no personal grievance with Caesar and was facing danger for the sake of the liberty of all. Dion, though, would not have fought if he had not suffered personally: that is made

Em suma, depois de ter feito esse estudo de como a questão específica da ingratidão de Brutus é abordada por Plutarco em suas *Vidas Paralelas*, em quem Shakespeare para seu *Júlio César* “baseou-se como sua principal, na verdade, praticamente única fonte” (Pelling, 2011, p. 64),²⁴ podemos fazer mais um apontamento de ordem histórica problematizando a compreensão quase que invariável da crítica literária a respeito das últimas palavras do César shakespeariano: enquanto o bilinguismo latim/inglês da expressão “*Et tu, Brute?* Then fall, Caesar” confere, à imagem e semelhança do bilinguismo latim/grego suetoniano (Griffin, 2009), uma aparência histórica à última fala de César em Shakespeare, deve ficar bem claro que o espírito do *dictum* é totalmente plutarquiano e, portanto, contrário à ideia da ingratidão de Brutus.

3 O significado de “Et tu, Brute?” do ponto de vista de César

Na tragédia de *Júlio César*, Shakespeare evita representar qualquer cena de proximidade/intimidade entre Júlio César e Marcus Brutus no corpo da peça, provavelmente porque só é possível imaginar toda e qualquer noção de traição em algum elo de proximidade. Nesse caso, talvez isso seja mais uma porção do antídoto shakespeariano contra o veneno histórico que embebe no imaginário das últimas palavras de César. Harold Bloom chama atenção para esse aspecto na seguinte passagem, transcrita aqui *ipsis litteris*:

Tão distante está Shakespeare de invocar a relação pai-filho (sabida por todos em sua audiência que, como ele, tinham lido a versão de Plutarco traduzida por North) que ele se recusa a

clear in Plato's letters, which show that it was his expulsion from the tyranny, not any rejection of it, that led him to destroy Dionysius. And it was the common good that led Brutus to become the friend of his enemy Pompey and to become Caesar's enemy instead: his sole criterion of hostility and friendship was justice. [...] In Brutus's case, even his enemies were heard to say that he was the only one of Caesar's attackers who had kept a single aim from beginning to end, the restoration of the Roman Republic”.

²⁴ “For *Julius Caesar* (1599), [...], Shakespeare drew on Plutarch as his main, indeed almost as his only, source”.

permitir que César e Brutus tenham qualquer contato significativo até a cena do assassinato (Bloom, 1998, p. 115, tradução nossa).²⁵

Segue que, se na peça o único contato significativo entre os dois é na hora do assassinato e o único pensamento que aquele expressa sobre esse é exatamente suas palavras finais, então, sem dúvidas, isso pressupõe um estudo histórico das relações interpessoais e das percepções que um fez do outro durante suas vidas. Aqui o nosso objetivo é observar apenas algumas das informações catalogadas por Plutarco que dizem respeito especificamente às percepções de César sobre Brutus, para assim sermos capazes de delinear um pouco de sua subjetividade no tocante a Brutus e entender esse olhar diferenciado contido em suas últimas palavras tal qual remodeladas por Shakespeare.

O primeiro dado que trazemos é um discurso de Brutus feito em defesa do rei Dejótaro em 47 a. C. e a impressão que essa fala deixou em César. Segue a passagem de Plutarco em sua *Vida de Brutus*:

Ele também falou em defesa do rei Dejótaro da Galácia, e, ainda que o peso das acusações contra seu cliente fosse mais do que ele poderia superar, seus apelos por clemência foram tão convincentes que a maior parte de seu reino acabou sendo conservada. Dizem que quando César ouviu Brutus pela primeira vez falando em público, ele comentou com seus amigos: ‘Eu não sei o que esse jovem quer, mas tudo o que ele quer, ele demonstra com muita veemência’ (Plut. *Brut.* 6).²⁶

Nesse caso, a fonte de Plutarco é provavelmente uma carta de Cícero escrita em 7 de abril de 44 a. C. para seu amigo Ático, recontando-lhe exatamente o que Caius Matius, um amigo de César, já tinha lhe informado. O ponto que a carta esclarece, e que Plutarco

²⁵ “So far is Shakespeare from invoking the father-son relationship (known to all in his audience who, like himself, had read North’s Plutarch) that he refuses to allow Caesar and Brutus any significant contact until their murder scene”.

²⁶ “He also spoke up for Deiotarus king of Galatia, and although the weight of the charges against his client was more than he could overcome, still his appeals for clemency were so convincing that he saved a great part of his kingdom for him. It is said that when Caesar first heard Brutus speaking in public, he remarked to his friends: ‘I do not know what this young man wants, but everything that he wants, he wants very badly’ [...]”

continua a comentar em seu relato, é que Brutus, a despeito dos tempos de instabilidade política depois da derrota de Pompeu em Farsália no contexto da guerra civil, fez a defesa do aliado pompeiano com tanta liberdade de pensamento e de expressão que isso causou uma grande impressão em César, aliás tanta que o que ele disse sobre Brutus, tal qual reproduzido por Plutarco, ele tornou a repeti-lo outras vezes, como bem nos informa Cícero em sua carta (Shackleton-Bailey, 1967, [Cic. Att. 14.1. 2]).

Um segundo exemplo, datado aproximadamente do solstício de inverno de 47 – 46 a. C., vem da escolha de César em tornar Brutus o governador da Gália Cisalpina, uma marca, como explica Moles (2017), não apenas de dignidade, mas também uma postura de generosidade, uma vez que isso o desobriga de ter que participar da campanha na África na continuação da guerra civil. Segue o relato de Plutarco sobre a gestão de Brutus em sua província durante o ano de 46 a. C e primavera de 45 a. C:

Quando César estava prestes a iniciar sua campanha contra Catão e Cípião na África, ele escolheu Bruto para ser governador da Gália Cisalpina, uma nomeação que provou ser um golpe de sorte para a província. Enquanto os povos das outras províncias eram saqueados e tratados com tanta arrogância e ganância pelos seus governadores como se tivessem sido conquistados na guerra, Brutus trouxe tanto alívio aos gauleses quanto consolação até mesmo pelo seu passado anterior de infortúnios. Além disso, ele deu a César o crédito por tudo isso, de modo que quando, após seu retorno, o ditador fez uma viagem pela Itália, ficou muito encantado ao ver a alegria das cidades e com o comportamento do próprio Bruto, que não negligenciou nada que pudesse aumentar seu prestígio e provou ser um companheiro muito agradável. (Plut. Brut. 6. 10).²⁷

²⁷ “When Caesar was about to set out for his campaign against Cato and Scipio in Africa, he chose Brutus to be governor of Cisalpine Gaul, an appointment that proved to be a stroke of good fortune for the province. While the peoples of the other provinces were plundered and treated with as much arrogance and greed by their governors as if they had been conquered in war, Brutus brought such relief to the Gauls that they felt consoled not only for their present but even for their earlier misfortunes. What is more, he gave Caesar the credit for all of this, so that when, after his return, the dictator made a tour of Italy, he was as delighted to see the contentment of the cities as he was by the behaviour of Brutus himself, who neglected nothing that could enhance his prestige and proved to be a most agreeable companion”.

Aqui algumas das virtudes de Brutus, como a honestidade na administração da província, começam a ganhar destaque no texto de Plutarco. No tratado *Orator*, datado do fim de 46 a.C., Cícero também o destaca de forma elogiosa entre os governadores do império romano pelo trabalho na Gália: “Logo, de todas as terras, uma só, a Gália, não arde com o comum incêndio” (Viccini, 2018, p. 76, [Cic. *Orat.* 9. 34]).²⁸ A percepção de César em relação a tudo isso é a melhor possível, como explicita Plutarco, principalmente porque o nobre Brutus não poupa esforços para lhe retribuir o benefício com o engrandecimento de seu prestígio. Eis uma demonstração da genuína gratidão de Brutus para com César.

Por último, para nosso propósito de entender um pouco mais como César formula a imagem de Brutus em sua consciência, torna-se muito importante analisar como ele o percebe em meio às suspeitas levantadas por terceiros na atmosfera do início do ano de 44 a. C. Segue o relato de Plutarco:

César não estava isento de suspeitas de Brutus, e de fato não havia falta de informantes contra ele, mas enquanto ele temia o espírito elevado de Brutus, sua reputação e seus amigos, ele ainda tinha grande fé em seu caráter. Quando lhe disseram que Marco Antônio e Dolabella estavam planejando algo revolucionário, ele comentou: ‘Não são esses companheiros gordos e de cabelos compridos que me incomodam, mas os pálidos e magros’, por quem ele quis dizer Brutus e Cassius. E, novamente, quando várias pessoas estavam fazendo acusações contra Brutus e pedindo que César ficasse em alerta, ele levantou a mão para tocar seu corpo e perguntou: ‘O quê? Você imagina que Brutus não pode esperar que essa pobre carne termine seus dias?’, como se dissesse que ninguém além de Brutus estava preparado para sucedê-lo. (Plut. *Brut.* 8).²⁹

²⁸ “*Ergo ex omnibus terris una Gallia communi non ardet incendio*”.

²⁹ “On the other hand, Caesar was not without his suspicions of Brutus, and indeed there was no lack of informers against him, but while he feared Brutus’s lofty spirit, his reputation and his friends, he still had great faith in his character. When he was told that Mark Antony and Dolabella were plotting something revolutionary, he remarked, ‘it is not these fat, long-haired fellows who bother me, but the pale and thin ones,’ by whom he meant Brutus and Cassius. And again when various people were making accusations against Brutus and urging Caesar to be on his guard against him, he raised his hand to touch his body and asked, ‘What? Do you imagine that Brutus cannot wait

Nesse excerto, temos duas falas de César que são muito reveladoras de como ele via Brutus. A primeira o biógrafo grego também registrou em suas *Vidas de César e Antônio*. As conotações dos adjetivos referentes à caracterização de Antônio e Dolabella em contraste com a de Brutus e Cassius, no primeiro *dictum*, tal qual ensinadas por Moles (2017) e Pelling (1988), indicam o seguinte: ‘gordos’ e ‘de cabelos compridos’ simbolizam homens estultos, dissolutos e facilmente manipuláveis, enquanto ‘pálidos’ e ‘magros’ caracterizam homens austeros, pensantes, especialmente filósofos, que permanecem bastante tempo dentro de casa agarrados nos estudos e não comem o bastante na casa de outrem que generosamente lhes convida. Para um bom entendedor, basta dizer que César compreendia bem que, ao contrário de Antônio e Dolabella, Brutus e Cassius não eram senadores do tipo que se deixariam facilmente influenciar por outrem nas tratativas políticas.

O segundo *dictum* também foi reproduzido de forma mais compacta por Plutarco em seu *César*: “Bruto esperará esta pele” (Plut. *Caes.* 62. 6). Há muito para extrair sobre a visão de César no que toca Brutus nesse *dictum*. Por um lado, explicita o viés pragmático da política, segundo o qual ele o vê como o mais qualificado para sucedê-lo e, além disso, como aquele que goza de todo seu apoio para ascender no *cursus honorum*, alguém que já tinha sido feito governador, pretor e tinha sido prometido a honra mais elevada, o consulado. Em outras palavras, é como se a resposta de César revelasse que qualquer ação revolucionária não seria expediente para o próprio Brutus, que detinha sua predileção e apoio. Por outro lado, revela o lado mais subjetivo da relação, segundo o qual ele não sente haver ódio, ressentimento ou inveja da parte de Brutus em relação a ele. Como imaginá-lo tomando uma decisão revolucionária? A fé na nobreza de Brutus sobrepõe, então, as suspeitas levantadas por terceiros.

Em suma, reunimos nessa seção algumas passagens plutarquianas concernentes às percepções de César em relação a Brutus, a fim de delinearmos um pouco mais dessa imagem que ele carregava na consciência. Ora, a julgar pelos seus próprios ditos, impressões e comportamentos dos últimos anos de vida, a imagem subjetiva que se

for this poor flesh to end its days?”, so much as to say that no one but Brutus was fitted to succeed to such great power”.

configura é a da nobreza de Brutus, materializada em percepções de sua honestidade, austeridade, gratidão, liberdade de pensamento e capacidade intelectual. O nosso estudo, portanto, aponta que é a partir dessa imagem de nobreza que o César de Shakespeare percebe Brutus em meio à turba de conspiradores: “*Et tu, Brute?*”. É diante dessa nobreza que ele aceita a morte: “Então, que morra César.”

4 Considerações finais

Percorridos mais de quatro séculos de uma densa recepção da tragédia de *Júlio César*, como demonstrado por Bloom (2008), podemos dizer que é impressionante que a expressão mais popular de Shakespeare “*Et tu, Brute?*” seja também a mais incompreendida pela crítica literária. Na verdade, o entendimento dominante desse *dictum*, invariavelmente circunscrito à ideia de traição e ao sentimento de ingratidão de Brutus, parece apenas se justificar mais na força que as palavras apócrifas de César — “Até você, meu filho!” — ganharam na história, desde o tempo de Suetônio, do que mesmo nas últimas palavras de César tal qual remodeladas por Shakespeare — “*Et tu, Brute?* Então, que morra César”. Assim, essas palavras não foram recepcionadas como uma resposta àquelas e ironicamente acabaram conferindo à ideia da ingratidão de Brutus um status de provérbio no Ocidente. Entretanto, os sinais deixados por Shakespeare em seu *Júlio César* são inúmeros para a problematização dessa ideia:

- (1) Shakespeare não fez seu César tocar nos temas que alimentam a ideia da ingratidão, a dizer, a suposta paternidade ou as benfeitorias conferidas a Brutus;
- (2) Shakespeare limitou qualquer contato significativo de seu César com Brutus até a cena do assassinato, provavelmente para diminuir o efeito da ideia de traição que se alimenta em algum elo de proximidade;
- (3) Shakespeare remodelou a última fala em grego “Até você, meu filho!” para o latim “*Et, tu, Brute?*”, fazendo cair a palavra “filho” e suas respectivas conotações negativas como a de parricídio e a de ingratidão;

- (4) Shakespeare ainda adicionou, à expressão latina “*Et tu, Brute?*”, uma outra de seu gênio criativo, “Então, que morra César”, materializando a aceitação da morte por César diante de Brutus;
- (5) Shakespeare tornou “*Et tu, Brute?* Então, que morra César” as últimas palavras de seu César, o que em geral na sua obra implica uma autorreflexão, confissão e resolução do problema com o outro no derradeiro sopro da existência.

É claro, além desses argumentos que direcionaram nossa problematização do entendimento comum das últimas palavras do César shakespeariano, objetivamos mostrar em mais detalhes a influência de Plutarco sobre Shakespeare, especificamente no que concerne à postura do biógrafo grego em evitar comprometer-se com a informação que propaga a ideia da ingratidão de Brutus. Nessa direção, comparando os relatos antigos do assassinato de César, mostramos como ele adapta em suas duas versões biográficas a última fala de César “Até você, meu filho!”, dissolvendo-a em seu relato e transformando-a em algo que fala antes em favor da reputação do nobre tiranicida.

Demonstramos, também, como a imagem de Brutus enquanto homem de virtudes está bem caracterizada em Plutarco, inclusive do ponto de vista de César, através dos ditos que o biógrafo da Queroneia lhe atribui. Sugerimos com isso que, tal qual os outros personagens de Shakespeare em *Júlio César*, incluindo os conspiradores (*e.g.* Casca) e até os inimigos (*e.g.* Antônio), destacam Brutus pela sua nobreza, a percepção diferenciada do protagonista dramático deve ser interpretada também em função dessas qualidades do nobre tiranicida.

Assim, depois de problematizarmos a interpretação do “*Et tu, Brute?*” segundo a qual César se sente traído — com base em aspectos literários do *Júlio César* de Shakespeare e da sua principal fonte histórica plutarquiana — levantamos também um novo alicerce para entender o significado desse *dictum*. Seu espírito é totalmente plutarquiano, embora, a julgar pelo bilinguismo, a letra tenha uma base suetoniana. César questiona diante de Brutus, “*Et tu, Brute?*”, porque sabe em seu íntimo que o filho de Servília, dentre todos os conspiradores, não é do tipo que está lhe atacando por interesse à sua posição, por inveja de seu poder, por ódio à sua pessoa ou por ter sido simplesmente manipulado

por outrem. Em sua última autorreflexão, que ocorre diante da percepção de Brutus e do que ele representa em sua consciência, desmoronam os mecanismos de defesa do ditador, permitindo-lhe no sopro final da vida reconhecer a própria tragédia de que, a despeito de ter conquistado tudo, não conquistou a consideração positiva de seus colegas de classe, nem mesmo do mais moderado deles. “Então, que morra César”.

Referências

APPIAN. *Roman History*, v. 4, *civil wars, books 1-2*. Edited and translated by Brian Mcging. Loeb Classical Library. Cambridge, Massachusetts London, England: Harvard University Press, 2020.

ARNAUD, Pascal. “Toi Aussi, mon fils, tu mangeras ta part de notre pouvoir”: Brutus le tyran? *Latomus*, T. 57, Fasc. 1, Janvier-mars, 1998. Pp. 61-71. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41538208>. Acesso em: 14 jun. 2014.

BLOOM, Harold. *Shakespeare: the invention of the human*. NewYork: Riverhead Books 1998.

BLOOM, Harold. *Bloom's Shakespeare through the Ages: Julius Caesar*. New York: Infobase Publishing, 2008.

DUBUISSON, Michel. “Toi aussi, mon fils!” *Latomus*. T. 39, Fasc. 4, Octobre-Décembre, 1980, pp. 881-890. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41531945>. Acesso em: 01 abr. 2024.

DE ARAÚJO, Sônia Regina Rebel. A denúncia da traição: Plutarco, Dante, Shakespeare e o assassinato de Júlio César. *Phoînix*, Rio de Janeiro, 14, n. 1: 356-371, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/phoînix/article/view/33134>. Acesso em: 28 mar. 2024.

DIMITROVA, Miryana. *Julius Caesar's Self-created Image and its Dramatic Afterlife*. London: Bloomsbury Academic, 2018.

DIO, Cassius. *Roman History*, v. 4: *book 44*. English translation by Earnest Cary. Loeb Classical Library edition. Cambridge: Harvard University Press, 1916.

FLEISSNER, R. F. The Problem of Brutus's Paternity in Julius Caesar (in partial relation to Hamlet). In: *Bloom's Modern Critical Interpretations: Julius Caesar - new edition*. New York: Infobase Publishing, 2010.

FORTIN, Rene. Julius Caesar: an experiment in point of view. *Shakespeare Quarterly*, v. 19, n. 4, 1968, pp. 341-347. Disponível em: Julius Caesar: An Experiment in Point of View on JSTOR. Acesso em: 14 de jun. 2014.

GERSHENSON, Daniel. Caesar's last words. *Shakespeare Quarterly*, v. 43, n. 2 (Summer, 1992), pp. 218-219. Disponível em: Caesar's Last Words on JSTOR. Acesso em: 29 mar. 2024.

GRIFFIN, Julia. Shakespeare's Julius Caesar and the dramatic tradition. In: GRIFFIN, Miriam (ed.). *A Companion to Julius Caesar*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2009.

HELIODORA, Barbara. *Shakespeare: o que as peças contam*: tudo o que você precisa saber para descobrir e amar a obra do maior dramaturgo de todos os tempos. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014.

MCMULLAN, Gordon. *Shakespeare and the Idea of Late Writing*: authorship in the proximity of death. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

MIOLA, Robert. *Shakespeare's Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

MOLES, John. A Commentary on Plutarch's Brutus, with updated bibliographical notes by Christopher Pelling. (Newcastle upon Tyne: *Histos Supplement* 7, 2017), pp. 1-405. Disponível em: <https://histos.org/documents/SV07.MolesBrutus.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2023.

MUIR, Kenneth. *The sources of Shakespeare's plays*. United Kingdom: Routledge, 2008.

PELLING, Christopher. *Plutarch: life of Antony*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

PELLING, Christopher. *Plutarch and History*: eighteen studies. London: The Classical Press of wales and Duckworth, 2002.

PELLING, Christopher. Plutarch on the outbreak of the Roman Civil War. In: Heftner, Herbert. & Tomaschitz, Kurt. (eds.) *Ad Fontes! Festschrift für Gerhard Dobesch zum fünfundsechzigsten Geburtstag am 15. September 2004*: dargebracht von Kollegen, Schülern und Freunden. Wien: Im Eigenverlag der Herausgeber, pp. 317-327, 2004.

PELLING, Christopher. Seeing a Roman Tragedy through Greek eyes: Shakespeare's *Julius Caesar*. In: GOLDHILL, Simon; HALL, Edith

(eds.). *Sophocles and the Greek tragic tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

PELLING, Christopher. *Plutarch: Caesar*. Clarendon Ancient History Series. New York: Oxford University Press, 2011.

PEREIRA, Jorge Miguel Arcanjo; CALDAS, Viviane Moraes de. “Et tu, Brute? Então, que morra César”: uma leitura alternativa da expressão mais incompreendida de Shakespeare. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 40, n. suplementar, p. 1-18, 2024. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/74068>. Acesso em: 06 abr. 2025.

PLUTARCH. *Rome in Crisis: nine lives by Plutarch*: Tiberius Gracchus, Gaius Gracchus, Sertorius, Lucullus, Younger Cato, Brutus, Antony, Galba, Otho. Translated by Ian Scott-Kilvert and Christopher Pelling. Introduction and notes by Christopher Pelling. London and New York: Penguin Books Ltd, 2010.

REBHORN, Wayne. The crisis of the aristocracy in *Julius Caesar*. *Renaissance Quarterly*, v. 43, n° 1, Spring 1990, pp. 75-111. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2861793?origin=JSTOR-pdf>. Acesso em: 14 mar. 2024.

ROSENBLUM, Joseph. *The Definitive Shakespeare's Companion*: overviews, documents, and analysis. Santa Barbara: Greenwood, 2017.

RUSSELL, James. Julius Caesar Last Words: a reinterpretation. In: B. Marshall, ed., *Vindex Humanitatis*. Essays in honour of John Huntly Bishop, 123-128. Armidale. Disponível em: <https://gwern.net/doc/history/1980-russell.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2024.

SHACKLETON-BAILEY, David Roy. *Cicero's Letters to Atticus volume 6*: 44 B.C., 355-426 (books 14-16). Cambridge Classical Texts and Commentaries. Cambridge and New York: Cambridge University Press, 1967.

SHAKESPEARE, William. *Teatro completo*: as tragédias. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Ediouro, s/d.

SMEJKAL, Pavel. *Tragic death in Shakespeare: bachelor thesis*. Brno: Masaryk University, Department of English Language and Literature, 2012. 49 p.

SPEVACK, Marvin. *The New Cambridge Shakespeare: Julius Caesar* updated edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

SUETÔNIO; PLUTARCO. *Vidas de César*. Tradução e notas de Antonio da Silveira Mendonça e Ísis Borges da Fonseca. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.

SYME, Ronald. No Son for Caesar? *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*. Bd. 29, H. 4 (4th Qtr., 1980), pp. 422-437. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4435732>. Acesso em: 25 fev. 2016.

TAYLOR, Gary; JOWETT, John; BOURUS, Terri; EGAN, Gabriel. *William Shakespeare: the complete works modern critical edition*. New York and London: Oxford University Press, 2016.

THOMAS, Vivian. Shakespeare's Sources: translations, transformations and intertextuality. In: ZANDER, Horst. *Julius Caesar: new critical essays*. UK: Routledge, 2005.

TOHER, Mark. *Nicolaus of Damascus: the life of Augustus and the autobiography edited with introduction, translations and historical commentary*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

VICCINI, André Novo. *Como fazer um orator: tradução e estudo do Orator de Cícero*. 2018. 187 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2018.

WILSON, John Dover. *The Cambridge Dover Wilson Shakespeare: Julius Caesar*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

WYKE, M. (ed.). *Julius Caesar in Western Culture*. Malden, MA: Oxford, 2006.

ZIOGAS, Ioannis. Famous Last Words: Caesar's prophecy on the Ides of March. *Antichthon*, v 50, 2016, pp. 134-153. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/services/aop-cambridgecore/content/view/7FF70D923E8416A20D303429C292AF5E/S0066477416000095a.pdf/div-class-title-famous-last-words-caesar-s-prophecy-on-the-ides-of-march-a-href-fn1-ref-type-fn-a-div.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2024.